



Terminal de Integração do Centro (Ticen), em Florianópolis, sexta-feira à noite

# Relato de uma PASSAGEIRA



SC SOB ATAQUE

**Diagramadora do Diário Catarinense,** relata o medo e as incertezas de uma viagem de ônibus em Florianópolis

ANA SOFIA C. DE OLIVEIRA  
ana.carreco@diario.com.br

**A**companhando os atentados como usuária do transporte público, seja dentro da Redação ou fora dela, eu não havia sentido na pele as consequências dos acontecimentos. Eu me sentia quase como uma privilegiada por ser usuária de ônibus e, dentro de todo o caos estabelecido, ainda estava conseguindo me locomover com certa tranquilidade. Essa tranquilidade terminou sexta-feira.

Ao sair da Redação, na SC-401, rota dos ônibus que sofreram os primeiros atentados em Florianópolis, por volta das 19h45min, notei ao atravessar a passarela que cinco ônibus lotados paravam um atrás do outro no mesmo ponto. Quando começaram a se locomover no sentido Centro-Norte da Ilha, observei que, na última fila, havia um carro da PM. A cena me causou angústia e mal-estar. Estava saindo da esfera de espectadora para a de personagem, estava sentindo na pele a aflição que muitos compartilhavam.

O ônibus que peguei para ir ao Centro não demorou a vir. Chegou seguido por três outros e, mais atrás, o fiel carro da PM. Ele fez uma rota não costumeira, entrou no terminal da Trindade, pois todos os coletivos seguiam juntos no mesmo comboio. Lá, quando o ônibus parou, muitos, mas muitos passageiros esperavam. "Faz exatamente uma hora que aguardo!", gritava um deles de dentro do terminal para a janela da cobradora, que nada conseguia responder. A viagem seguiu, e pela janela eu via outros ônibus em comboio pela Agrônômica, Mauo Ramos e Beira-Mar. Não havia um veículo sequer andando sozinho.

Chego ao Centro. Subo em outro ônibus, parado no ponto onde sempre embarco para voltar pra casa. E minha surpresa foi descobrir que aquele não era o meu ôni-

bus. A moça ao lado me diz: "Querida, nenhum ônibus está parado em seu ponto, todos estão sendo organizados pela polícia e pelo sindicato."

Saio. Vou caminhando e encontro uma opção de linha que passa próximo à minha casa. Olho para dentro do coletivo cheio. Só conseguiria entrar pela frente, e será que teria que pagar outra passagem? Se tivesse que pagar, sinceramente seria o de menos, porque antes de entrar observo o movimento dos policiais, literalmente correndo de um lado para o outro. Estava na cara de cada um deles o empenho e a preocupação em fazer o seu melhor dentro de tantas limitações.

Entre no ônibus e, logo em seguida, vieram dois policiais. Só observavam as pessoas entrando, ou aquela altura do campeonato tentando entrar. Eles descem a pedão do seu superior e correm de um lado pro outro pela plataforma. O motorista entra e diz que eles estavam esperando chegar o carro da PM que iria acompanhar os ônibus e que o sindicato não estava autorizando que nenhum ônibus saísse sem escolta.

Nessa hora, já estava arrepiada, ouvindo um grande burburinho, opiniões: uns achando um absurdo a demonia, a falta de ônibus, a lotação... Um pouco de falta de pensamento coletivo. E havia aquelas pessoas que faziam uma piada atrás da outra em cima da demonia da situação. Nada como o velho bom humor para combater os males que nos afligem, não é mesmo? Tentavam tornar o ambiente mais leve, saudável.

Ao mesmo tempo que me senti segura, me veio um medo que até então não tinha. Parecia que a presença da escolta era a confirmação de que eu e todas aquelas pessoas realmente estávamos em perigo. E pela primeira vez dentro da minha terra natal e onde moro há 20 anos eu senti medo da cidade em que vivo.

Um sentimento de melancolia profundo me veio à cabeça. Fechei os olhos em meio ao burburinho e lembrei do meu pai nordestino, que conheceu o Sul e se apaixonou, muito antes de eu nascer. Conheceu Florianópolis e determinou que era aqui que ele queria viver e criar seus filhos. Antes de eu nascer, no ano de 1983, ele já vivia aqui com minha mãe e meus três irmãos. Logo que nasci, circunstâncias o levaram a voltar ao Nordeste, mas ele nunca perdeu de vista voltar ao Sul. E quando ele dizia Sul, queria dizer Florianópolis. Eu cresci ouvindo meu pai falar da maravilha do Sul, do Sul e do Sul... E, aos meus nove anos, ele voltou a Florianópolis. E lembro de quando chegávamos na cidade de carro e lá de longe ele avistou o mar e a ponte, nos acomodou e disse que era naquela cidade linda, segura, calma e saudável que nós íamos crescer e terminar nossos estudos, brincar, ter estrutura para alcançar nossos sonhos com qualidade de vida.

Abro os olhos. A moça ao meu lado me cutuca e me diz: "Você sabia que não vai ter mais a linha do Corredor Sudoeste essa noite?" Respondo que sim. Lembro de ter lido em algum lugar um especialista em segurança comentando que nunca o poder público poderia criar uma situação de negociação com as organizações criminosas. Que negociar seria colocar em suas mãos um poder de decisão sobre a sociedade que eles nunca podem ter.

Lembro disso e me questiono, dentro do ônibus já sendo ligado para sair, aos gritos de felicidade dos passageiros, se já não somos, involuntariamente, reféns do que não poderíamos ser. Fecho os olhos novamente, penso no mal, penso no que está acontecendo e tenho a certeza dentro de mim que ele nunca irá vencer. E que vou acompanhar todos os movimentos do poder público no combate a essa violência e só vou ficar tranquila novamente quando fechar os olhos, lembrar do meu pai, do seu sonho sobre o Sul, e confirmar no meu íntimo que ele estava certo.